

Director literario:

António de Almeida
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

José de Almeida
PAPUSSE

A VERDADEIRA HISTÓRIA DO PUM.
 texto e desenhos de OLAVO

COMO se tem dito e inventado muitas histórias acerca da vida do Pum, sempre falsas e sem fundamento, eu resolvi fazer um estudo profundo da biografia d'esse personagem tão célebre e tão apreciado pelos pequenos e grandes leitores d'este jornal.

Reuni variadíssimos documentos que enchem a minha secretária, onde se trata do nascimento do Pum, do batizado do Pum, dos estudos do Pum, do casamento do Pum,

e, finalmente, depois de várias peripécias, sem importância, da morte gloriosa do Pum.

Tenho mesmo, em meu poder, alguns livros de notáveis autores, onde se fazem largas referências à vida íntima do Pum.

Com todos estes dados preciosos, que consegui adquirir a custa de tempo, trabalho e muito dinheiro, escrevi a Ver-

CONTINUA NA PAGINA 4



O Anão Cabeçudo

Conto de m.^a Flávia

desenhos de Olavo



UMA pequena aldeia, bem longe daqui, vivia um casal de lavradores que tinham dez filhos. Mas todos êles, embora muito novos ainda, já davam uma grande ajuda aos pais nos trabalhos do campo. Por lá ficavam sempre até o pôr do sol.

Uma noite, quando a numerosa família se preparava para ceiar, bateram à porta. A mulher levantou-se e foi abrir. Porém, apenas encontrou no chão uma cestinha de verga onde chorava

uma criança. Erguendo-a nos braços, virou-se para o marido e exclamou:

— Deus enviou-nos outro filho, «Manel»! Somos tão pobres... como o poderemos criar?

— Não te aflijas, mulher! Onde comem doze comerão treze.

Os anos foram passando. Mas, com espanto de todos, o corpito da pobre criança não crescera mais que uns sessenta centímetros, ao passo que a cabeça se tornara enorme. O pequeno homem já mal podia com ela. Pesava que nem chumbo!

Com tantos inconvenientes o «Anão cabeçudo» (como lhe chamavam na aldeia) pouco podia trabalhar, e era, por isso, escorraçado por todos.

Os próprios pais o maltratavam e diziam-lhe a toda a hora: «és um monstro, que fazes a nossa vergonha e nem ao menos nos ajudas...»

E o pobre anãozinho ainda se magoava mais com êstes ditos do que propriamente com as pancadas...

Tão má vida lhe davam que, farto de tanto sofrer, resolveu fugir.

Arranjou a trouxa com os seus poucos farrapitos e, quando já todos dormiam, abriu a janela e safou-se.

Caminhou a noite inteira por uma estrada sem fim, até que foi parar a uma linda cidade. Ficou encantado! Os seus olhos eram pequenos para tanta maravilha! Se êle nunca saíra da miserável aldeia onde nascera!...

Sempre agarrado à sua trouxinha e perseguido por alguns garotos, começou percorrendo as ruas da cidade.

De repente, deparou-se-lhe uma grande casa branca que tinha nas paredes muitos bonecos estampados. Sobre a porta principal, em letras gordas e douradas, dizia: «O Grande Circo».

Lembrou-se, então, de já ter lido aquela palavra numa barraca de pano que os saltimbancos haviam armado, há tempos, na sua terra. Devia ser aquilo...

Ele nunca lá entrara, mas haviam-lhe dito que apareciam coisas tão lindas lá dentro...

O que se faria naquela casa tão grande!

Como gostaria de lá entrar...

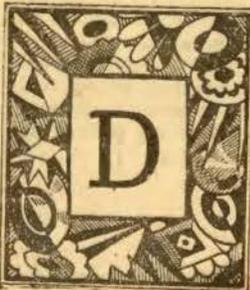
Mas era preciso dinheiro e êle não o tinha!

E se espreitasse? Era tal a curiosidade que não poude

Continua na página 7

OLAVO

e desenho
de OLAVO



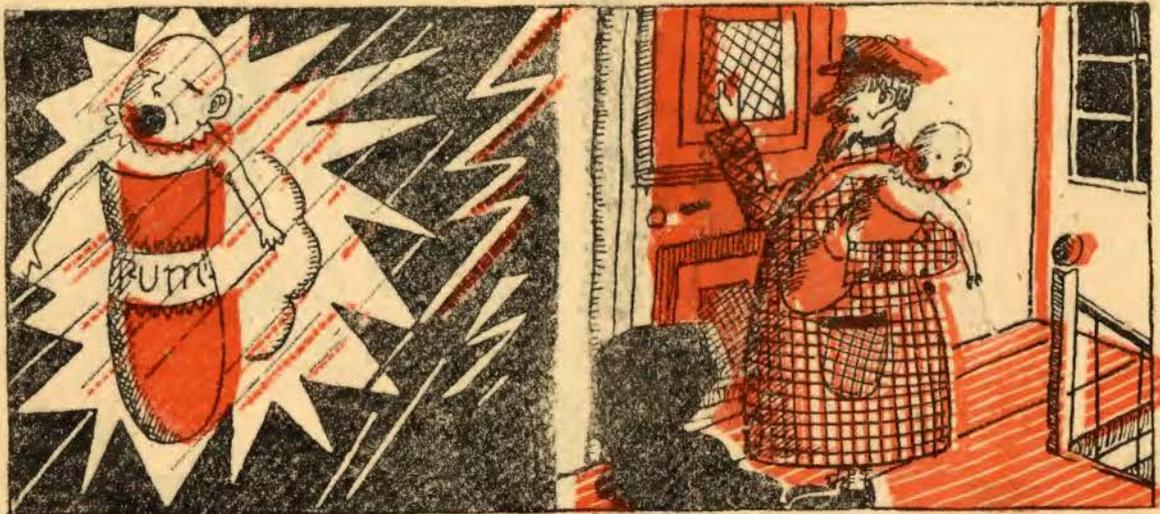
e frio, paralisado,
à porta de casa rica,
um céguinho desprezado,
adormece,
esquece,
e fica.
Noite velha, noite morta...
O sol, colossal, aparece
e parece
cada vez mais imortal.
Tim! Tão! Tão!... Tão... Tim!

Do campanário da vila
vem uma voz de cristal
que vai a tilinta... a... ar
no ar azul, sem fim...

E o cego não pode ouvi-la,
nem a ela, nem mais nada
porque não pode acordar.
O rico ao vê-lo estendido,
nos frios degraus da escada,
logo fica arrependido
e logo o manda chamar.
Mas a sua caridade
já chegou tarde demais.
Pois em seu silêncio enorme,
o ceguinho agora dorme
para não mais acordar,
Para não mais
acordar...!

FIM





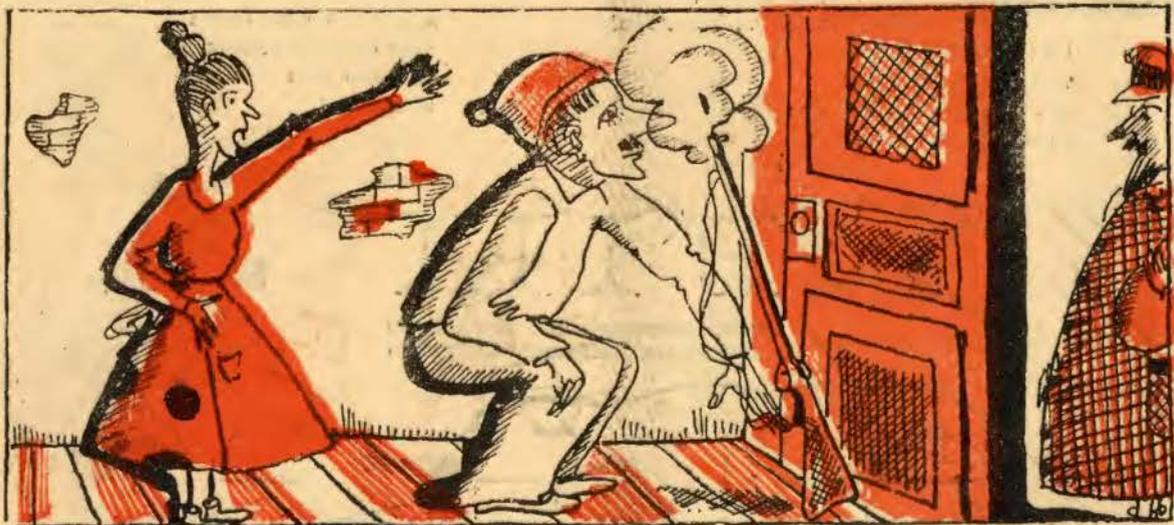
dadeira História do Pum, que vou ler agora em voz alta, para os meninos que não sabem ler.

Ora ouçam :

O Pum, apareceu em Lisboa, numa noite de tempestade, na rua Duque de Palmela, mesmo defronte do palácio do dito duque, numa casa muitíssimo ordinária, onde não havia comodidades nem dinheiro para pagar qualquer coisa, mesmo incômoda que fosse. Quando chegou o empregado da fábrica de Paris, onde o menino fóra encomendado, ouviu-se pum ! pum !

Fez os seus estudos com muita distinção e tirou rapidamente o curso de direito. Começou, então, a ver que solução poderia dar à sua vida, porque o dinheiro, em casa de seus pais, não andava, positivamente, aos pontapés. Na sua qualidade de advogado, experimentou todos os ofícios que lhe era possível experimentar. Foi, sucessivamente, guarda-freio, «chauffeur», contratado de bilhetes de teatro, e, depois de outras inúmeras profissões reles, resolveu ser polícia, porque ao menos, sempre lhe tinham respeito.

Trabalhava muito e era mal pago.



—Ai Jesus,—disse a mãe do menino que estava a chegar.—Quem estará a bater à porta, com uma noite destas, tão feia ?! Serão ladrões ?!

O pai do menino, armou-se com uma grande espingarda e foi abrir o postigo, cautelosamente.

Quando viu quem era, ficou tão contente e ao mesmo tempo tão atropalhado, que deixou cair a espingarda. Esta, ao bater no chão, disparou-se e fez : Pum ! Passando a bala a dois centímetros do nariz do pobre homem.

Desde esse dia, o menino que chegara tão ruidosamente de Paris, ficou sendo chamado o Pum !

A infância do Pum é quasi desprovida de interesse. Cresceu como todos os meninos deste mundo.

A' noite estava quasi sempre de serviço e apanhava cargas de água que o deixavam escorrido como um pinto. Tinham-lhe crescido a barba e o bigode, tal era o abandono em que andava. Começou a ter más companhias e a frequentar tabernas. Arranjava sempre maneira de trocar os serviços com os colegas, de modo a ir parar aos bairros que lhe convinham, perto das tascas que preferia.

Embora andasse muito corrompido pelos companheiros suspeitos que arranjava, ainda havia nêle um resto de bom senso e de honestidade, que o obrigavam a parar à porta do abismo.

O pai tinha-lhe morrido e êle era agora o único amparo da mãe, com quem vivia, modestamente, na mesma casa da



rua Duque de Palmela, onde nascera. Um dia, ao voltar a casa, encontrou a mãe muito doente, cheia de febre, deitada na sua cama de ferro. O Pum ficou muito aflito e tratou logo de chamar o médico, que fez uma grande receita, com remédios muito caros, que o Pum, coitadinho, não poderia, certamente, pagar, com o seu miserável ordenado de polícia.

da sociedade secreta de que o «Papo Sêco» era um dos principais «cabeças». Quando acabou a hora do serviço, o Pum conduzido pelo astuto bandido, atravessou as ruas excêntricas da cidade, até chegar, finalmente, ao covil ignóbil dos bandidos. Já lá estavam os companheiros do «Papo Sêco»: eram três, a saber: o «Rufia», o «Enguia» e o «Pote». O «Pote» era o grande chefe, e, como ocupava uma respeit



Nessa noite deixou a mãe sózinha, e foi, a correr, tomar conta do serviço, porque já era muito tarde e o chefe não admitia que nenhum dos seus subordinados chegasse atrasado, um minuto só que fôsse.

Foi, então, que, levado pela necessidade de socorrer a mãe, se deixou, facilmente, convencer por um infame bandido, conhecido pelo «Papo Sêco». Consentiu em fazer parte

vel posição social, ostentava uma pequena máscara de veludo, que lhe ocultava, em parte, as feições, que se adivinhavam duras e cruéis.

O «Papo Sêco» adiantou-se e, dirigindo-se ao «Pote», disse:

—Este senhor é o meu amigo Pum, de quem vos tenho falado. Convenci-o a fazer parte da nossa sociedade e con-

BANHO DE LUZ



POR

AUGUSTO DE SANTA-RITA

Desenhos de OLAVO

Em seu bercinho doirado,
Guilherme Augusto — um menino
pequeno
muito loiro —

Tatinha
como lhe chama
sua Ama
e sua Mãezinha,
ouve, enlevado
e sortindo,
o canto vário
e tão lindo,
dum canário
em sua gaiola de ouro:

— «Pio-pio-pio...
Tchlu-tchlu-tchlu
Trrr-t-t-t-t... Tchlu! Tchlu-tchlu!...»

Desde que o dia amanhece,
Assim que a manhã desperta,
até que o dia anoitece,
ei-lo trinando a chilrear!

Entra uma réstea de luz
pela janela entre-aberta;
parece
o sol a cantar!

Brilha,
rebrilha,
transluz,
transformando tudo em ouro,
no banho da luz imerso;
— canário, gaiola, berço,

busto
e bracinhos nus
do loiro
Guilherme Augusto!

FIM



Continuado da página 2

resistir... passou rasteiramente por detrás do porteiro e entrou correndo.

Andou primeiro por grandes corredores não sabendo o que fazer, mas, por fim, deu com uma porta que apenas estava encostada. Aproximou-se com timidez e empurrou. Era uma sala enorme, redonda, cheia de gente. Ao meio, dois palhaços (como ele vira cá fóra estampados) divertiam o público com as suas brincadeiras.

Como ninguém dera pela sua entrada, foi-se chegando, chegando até à pista e, para ver melhor, trepou para cima do balcão. Mas não gosou muito tempo esse esplêndido lugar. Alguém que passava atrás de si, tropeça e dá-lhe um encontrão. Nada tendo a que se agarrar, desequilibrou-se e caiu dentro da pista de cabeça para baixo!

O público entusiasmado, aplaudia o «anão cabeçudo» dando estrondosas gargalhadas!

Haviam tomado o pobre rapaz por um palhaço da companhia...

O empregário, que havia assistido a esta scena e que se entusiasmara também com o sucesso que fizera sobre o público o tralhão do «cabeçudo» manda que o tragam à sua presença:

— Quem és tu?

«Nem sei o meu nome, respondeu tristemente, todos me chamam «Anão cabeçudo»...»

— Queres ganhar cem escudos por dia? continuou o empregário.

O anãozinho olhou-o apalermado como se não tivesse percebido.

— Dar-tos-hei se quizeres ser palhaço do meu circo.

Pois quê? só por fazer de palhaço, davam-lhe em troca tanto dinheiro?!...

Foi tal a alegria que julgou endoidecer... E, no dia seguinte fez a sua estreia no «Grande Circo».

Foi um sucesso! O público não parava de rir e atordoava-lhe os ouvidos com palmas!

Desde essa tarde não ficava um bilhete sequer por vender. O empregário esfregava as mãos de contente... Mas não acontecia o mesmo com o «Anão cabeçudo». Estava rico, é verdade, mas não era feliz. Todo o luxo e conforto que agora possuía, fóra ganho afinal, com a sua própria desgraça.

Nem um amigo tinha para o consolar! Todos os olhavam com sorrisos de troça e, quando passava na rua, paravam a olhá-lo como se admirassem um bicho estranho... Mas era por ser assim feio, disforme, que de pobrezinho se tornara milionário.

Da sua família nada mais soubera. Talvez fossem mais felizes agora que já não tinham quem os envergonhasse...

Passaram-se anos. «Anão cabeçudo» mal gosara a fortuna que ganhou no circo.

Uma terrível doença o retinha na cama, havia já algum tempo e não lhe davam favoráveis esperanças os médicos que o tratavam.

E um dia, aquele palhaço que tanto fizera rir, sofrendo, falecia. Não tivera um amigo sequer à cabeceira.

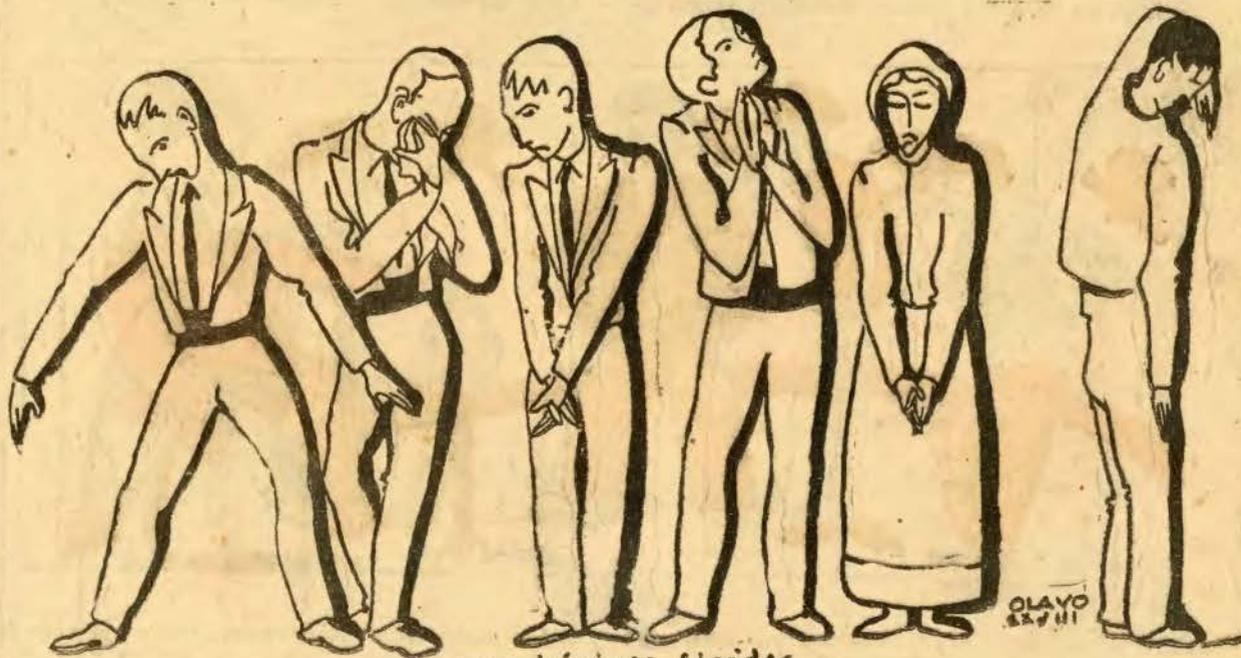
Logo por toda a cidade se espalhou a triste notícia que todos acolhiam com um «coitado»! muito indiferente.

Foi, então, ao saberem da enorme fortuna deixada, que apareceram os pais e irmãos do pobre palhaço. Declaravam agora, com lágrimas fingidas, serem a família do «anãozinho».

Porém, a decepção foi grande quando lhes disseram que toda a sua fortuna fóra legada a asilos e hospitais daquela cidade.

Furiosos, voltaram para a aldeia, pobres como eram, rogando pragas a tão «vil monstro que nem cinco reis lhes deixara!...»

■ F I M ■



com lágrimas fingidas

RECLAMAÇÃO

Recebemos uma reclamação assinada por «Um amigo da Verdade» referindo-se a uma poesia publicada no número 127 do «P. P. P.», intitulada «A vingança do cavalinho», de que o menino M. Calvet de Magalhães, pretende ser o autor. «Um amigo da Verdade» declara que a dita poesia foi já publicada em 1903 no número 2 do jornal infantil «O Gafanhoto». Pergunta o reclamante se M. Calvet de Ma-

galhães é a mesma pessoa que já publicou em 1903 a referida poesia. Certamente que não foi, porque esse menino conta hoje 12 anos de idade. Lamentamos que o menino M. Calvet de Magalhães não tivesse escrupulos em fazer semelhante garotice. E' preciso que os meninos saibam que a verdade descobre-se sempre. Achamos muito justas todas as reclamações deste género, que serão devidamente atendidas.



puzi-o hoje até aqui para conhecer os seus sócios e fazer o juramento de fidelidade.

O «Enguia» apresentou-lhe logo uma caveira pousada sobre um tripé, e disse-lhe sêcamente:

Jure sobre esta caveira, que nos será fiel. Ande; disse o «Pote», persuasivo. Jure, e, depois, poderá chamar-nos irmãos.

E o Pum, um pouco trémulo de comoção, por se ver metido num sarilho daqueles, estendeu a mão sobre a caveira e jura fidelidade aos Irmãos da Morte.

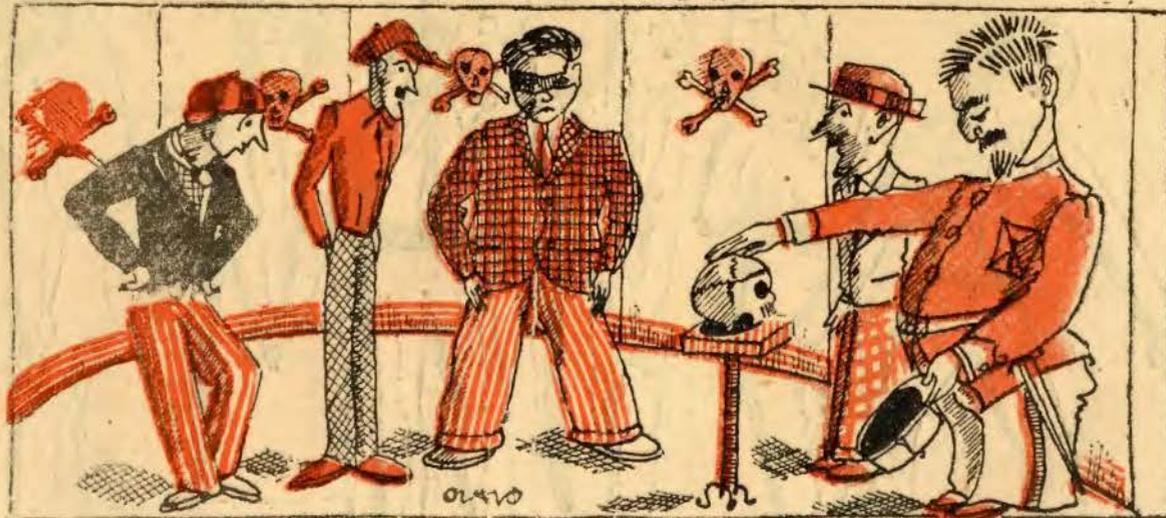
IRMÃOS DA MORTE! Assim se chamava a infame as-

rante todo o caminho, o Pum seguiu sempre um pouco atrás do «Papo Sêco», porque não convinha que os vissem juntos.

Logo que chegaram, o «Pote», que não abandonava nunca a máscara de veludo, chamou o Pum de parte e disse-lhe: —Queres ganhar a minha confiança?

O «Pum» disse logo que sim, porque o «Papo Sêco» tinha-o prevenido de que o «Pote» era muito nervoso e não gostava que o contrariassem.

O «Pote», então, satisfeito com a condescendência do «Pum» entregou-lhe um masso de notas de um conto de



sociação secreta de que o Pum passaria a fazer parte e que tão grandes desgostos lhe havia de dar.

CAPITULO II

A vida do Pum passou a ser cheia de sobresaltos e de terrores constantes. Em compensação andava cheio de dinheiro e nada faltava à sua velha mãe.

Três dias depois do juramento, o Pum foi chamado à presença do «Pote», por intermedio do «Papo Sêco». Du-

reís, dizendo: estão aqui cinquenta contos em notas falsas.

Fica sabendo, que deverás ter passado isso tudo até ao fim desta semana. Hoje é terça feira; tens, portanto, cinco dias diante de ti.

O Pum saiu e foi todo o caminho de cabeça baixa, pensando na maneira melhor de não passar os cinquenta contos que lhe pesavam na algibeira e na consciencia.

Emquanto assim pensava, sucedeu encontrar um amigo de infância sentado num banco da Avenida, parecendo sofrer imenso por qualquer motivo íntimo.

Continua no próximo numero